

RELATO DE EXPERIÊNCIA - ENSINO DE HISTÓRIA NA PANDEMIA, DESAFIOS E POSSIBILIDADES

EXPERIENCE REPORT – TEACHING HISTORY DURING THE PANDEMIC: CHALLENGES AND POSSIBILITIES

Autor 1¹ ANA PAULA DE OLIVEIRA GOMES, anapaulinhaprofa@gmail.com.

Autor 2 JEOVÁ JONATHAN DA SILVA BARBOSA, jeovabarbosa@alu.uern.br.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre os desafios e as possibilidades metodológicas no ensino de História durante o contexto pandêmico da COVID-19, a partir de relatos de experiências de dois docentes da rede municipal de ensino de Russas-CE, nos anos de 2020 e 2021. Diante da necessidade de adaptação ao ensino remoto, professores e estudantes enfrentaram dificuldades relacionadas ao acesso às tecnologias digitais, ao letramento tecnológico e à manutenção do vínculo pedagógico. Nesse cenário, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) emergiram como ferramentas fundamentais para a continuidade do processo educativo, ainda que permeadas por limitações estruturais e sociais. O estudo destaca o uso de museus virtuais como estratégia metodológica inovadora, evidenciando experiências com plataformas digitais que possibilitaram a ampliação do repertório cultural e o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes. As práticas analisadas demonstram que, apesar dos entraves, o ensino remoto proporcionou a ressignificação das práticas docentes, incentivando o uso de recursos digitais de forma criativa e reflexiva. Conclui-se que as experiências vivenciadas durante a pandemia contribuíram para a incorporação de novas metodologias ao ensino de História, com potencial de continuidade tanto no ensino remoto quanto no presencial, reforçando a importância da formação docente e da democratização do acesso às tecnologias educacionais.

Palavras-chave: Ensino de História. Ensino remoto. Tecnologias da Informação e Comunicação. Museus

virtuais.

Abstract: This article aims to reflect on the challenges and methodological possibilities in History teaching during the COVID-19 pandemic, based on experience reports from two teachers in the municipal public school system of Russas, Ceará, Brazil, in the years 2020 and 2021. Faced with the need to adapt to remote teaching, both teachers and students encountered difficulties related to access to digital technologies, digital literacy, and the maintenance of pedagogical engagement. In this context, Information and Communication Technologies (ICT) emerged as essential tools for the continuity of the educational process, albeit marked by structural and social limitations. The study highlights the use of virtual museums as an innovative methodological strategy, emphasizing experiences with digital platforms that enabled the expansion of students' cultural repertoire and the development of critical thinking. The analyzed practices demonstrate that, despite the challenges, remote teaching fostered the reconfiguration of teaching practices, encouraging the creative and reflective use of digital resources. It is concluded that the experiences lived during the pandemic contributed to the incorporation of new methodologies in History teaching, with potential for continuity in both remote and face-to-face education, reinforcing the importance of teacher training and the democratization of access to educational technologies.

Keywords: History Teaching; Remote Teaching; Information and Communication Technologies; Virtual Museums.

1 INTRODUÇÃO

Imprevisibilidade é a palavra que marca os dois últimos anos na Educação brasileira. Diante do período pandêmico, professores encararam uma nova realidade em que tiveram, por vezes “de forma imediata”, aprender a manusear equipamentos e desenvolver

habilidades na utilização de aplicativos, programas e criação de vídeos para permitir que os educandos tivessem oportunidade de acompanhar os conteúdos necessários e diminuir o desastre educacional que inevitavelmente aconteceria.

O tema sobre utilização das novas tecnologias educacionais em sala de aula não é recente, porém nos últimos anos, professores, secretarias municipais e estaduais se voltaram com o objetivo de inserir as TIC'S no contexto escolar. Essa inserção não ocorreu de forma tranquila e efetiva, por vezes até impositiva por parte de alguns órgãos e secretarias e permeada de vários problemas como: lidar com o distanciamento social, transformações e adaptações dos professores e alunos em curto espaço de tempo, falta de materiais e equipamentos digitais para professores e alunos dificultando o acesso dos mesmos.

Apesar das problemáticas que envolveram o uso das TIC'S nesse novo cenário, os docentes buscaram encontrar alternativas metodológicas que superassem as dificuldades no processo. Com a diversidade de equipamentos digitais metodológicos à disposição do professor diante dessa nova realidade imposta, se faz necessário discussões sobre o uso desses equipamentos e a importância dessa utilização para possibilitar uma aprendizagem mais efetiva diante as demandas dessa sociedade midiática. Sobre a importância do uso das novas tecnologias

Santaella (2007) diz que o “[...] potencial que os dispositivos tecnológicos apresentam para a criação de efeitos estéticos, quer dizer, efeitos capazes de acionar a rede de percepções sensíveis do receptor” (SANTAELLA, 2007, p. 255).

Assim, o uso desses dispositivos tecnológicos na educação podem possibilitar uma democratização para a criação de bens culturais através das tecnologias computacionais, auxiliando o trabalho dos professores e proporcionando uma melhor assimilação dos conteúdos trabalhados com os alunos, unindo seu uso com uma prática consciente.

Porém, o uso e a existência desses mecanismos, sua usabilidade, eficiência e funcionalidade, não são condições unitárias para garantir a aprendizagem, são necessários que esses dispositivos sejam amigáveis, brincáveis, prazerosos, esteticamente agradáveis, expressivos, que estejam na moda, que proporcionem identidade cultural e que seus *designs* produzam satisfação emocional” (MANOVICH, 2006 apud SANTAELLA, 2007, p. 256).

Com isso, são desenvolvidos mundos virtuais interativos, unindo a virtualidade com os quesitos educacionais, proporcionando ao usuário uma melhor interação e eficácia dos dispositivos, promovendo experiências diversas e criativas que vão para além da imersão em ambientes simulados.

Diferentemente das mídias anteriores (impresas e analógicas como a fotografia, o cinema, o rádio e a TV pré-digitais), a mídia digital, por sua própria natureza “tradutora” de outras linguagens para a linguagem dos dígitos binários e por sua concepção fundante em rede (*web*), permite que o usuário (ou o leitor/produtor de textos humano) interaja em vários níveis em com vários interlocutores (interface, ferramentas, outros usuários, textos /discursos etc.) (ROJO, 2012, p. 23).

Nessa nova realidade interativa promovida pelos dispositivos digitais e a presença massiva destes no cotidiano, modifica-se também as relações sociais, com as possibilidades de organização, transformações e adaptações, promovendo a construção de conhecimentos variados.

Diante deste cenário, propomos com este artigo apresentar uma reflexão sobre os entraves e possibilidades metodológicas através de relatos de experiências de dois professores da disciplina de História, num contexto pandêmico, durante os anos de 2020 e 2021, em escolas da Rede municipal localizadas na cidade de Russas-CE.

Esse artigo está organizado em duas partes e ambas versarão uma reflexão sobre a utilização dos museus virtuais como possibilidade metodológica para o ensino de História. Na primeira parte, tal possibilidade

será apresentada a partir da situação experienciada pelo professor Jeová Jonathan da Silva Barbosa, com as turmas do 8º ano do ensino fundamental II, na Escola Coronel Murilo Serpa. Já a segunda parte surge a partir de uma experiência da professora Ana Paula de Oliveira Gomes, com turmas do 6º ano, também do ensino fundamental II, na Escola Manuelito Maia Meireles.

1. UMA VISITA A VERSALHES: UMA POSSIBILIDADE QUE SURTIU EM MEIO A INÚMEROS DESAFIOS.

Experimentamos, durante a pandemia de COVID-19, principalmente em sua fase inicial, mais nefasta, o que costumo nomear de “uma ausência do sentido”. Enquanto docente, o que dá sentido ao meu ofício é sempre a presença do(a) estudante no ambiente escolar, toda aquela potência que questiona o mundo com liberdade e sem medo dando significados ao ambiente. Durante a pandemia, no entanto, das diversas condições que o contexto nos impôs, as mais angustiantes, para mim, foram justamente as ausências, a falta de liberdade e o medo. A ausência do quem se foi, pois perdemos muitos durante essa experiência indesejada, e a ausência de quem não se fazia mais presente no chão da escola: famílias, estudantes e comunidade escolar em geral. A falta de liberdade, decretada pelo isolamento, e o medo, produzido pelas sucessivas mortes,

caminhavam de mãos dadas sem perspectivas de se soltarem. Os desafios já estavam postos à mesa, colocados para enfrentamento e se mostravam muitos, mas precisávamos, por um instante, desviar o olhar dos desafios e racionalizar quais as possibilidades dessa “nova ordem”. Estávamos, mais uma vez, em um lugar entre os desafios e as possibilidades.

O ano letivo de 2020 foi paralisado, as escolas foram fechadas e experimentamos o inesperado, uma pandemia mundial. O isolamento e o distanciamento social, medidas colocadas em vigência, eram as alternativas mais viáveis para minimizar o caos. Já para a educação nos moldes tradicionais, tais medidas se mostravam sendo mais um desafio. A escola precisava se reinventar, as famílias e os estudantes também. Afinal, quais as possibilidades a partir do “desmantelamento” da educação tradicional? O contato virtual surge como uma possibilidade atraente, talvez a única, pelo menos no primeiro momento. Os celulares, os computadores e a internet se tornam ferramentas indispensáveis para que o processo aconteça. Foi aprendendo a fazer fazendo, entre erros e acertos, que construímos um caminho possível.

As turmas virtuais, nos grupos do whatsapp, foram formadas e apesar das

ausências já sentidas, foi uma alternativa que nos deu fôlego, pois o mínimo contato/presença já havia se estabelecido. A paralisia escolar experienciada em 2020 foi superada. O ano de 2021 se apresentava ainda repleto de dúvidas e incertezas, mas o contexto já permitia romper com o imobilismo e partir para a ação, o ano letivo foi iniciado.

As salas presenciais deram lugar às turmas virtuais acessadas pelo whatsapp¹. Os estudantes recebiam, diariamente, por parte dos professores, seus roteiros pedagógicos por meio de documentos em formato de PDF e WORD, assim como as orientações que serviam como um “passo a passo” de como realizar as tarefas propostas nos roteiros pedagógicos enviados. Aqui vale salientar que nem todos os estudantes acessaram os roteiros dessa forma. Os discentes sem acesso à internet recebiam, na própria escola, semanalmente, o material de estudo impresso, e, por compromisso, deveriam entregá-los devidamente respondidos na sexta-feira da mesma semana. Ambos os processos, tanto o virtual quanto o acesso físico aos roteiros, foram bastante difíceis, as devolutivas eram insuficientes e se colocavam como mais um desafio a ser enfrentado.

¹ É um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem

enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

Afinal, como firmar o contato estabelecido? Como atingir os estudantes a distância? O envio do roteiro foi uma possibilidade, mas não podia se acabar em si mesmo, era insuficiente. Outro aplicativo nos aparece como mais uma alternativa, o Google Meet². A proposta era aperfeiçoar as ideias que já tínhamos e continuarmos a caminhada. As aulas ministradas pelo Google Meet foi, apesar dos desafios, mais um avanço, pois possibilitou aos professores um contato mais “direto” com os estudantes que possuíam acesso à internet. Afinal, estávamos agora, de certa forma, dentro de suas casas e eles, dentro das nossas. Enfim, mais um passo havia sido dado, mas não para todos, os estudantes sem acesso à internet não tinham a oportunidade de assistir as aulas síncronas, nossa melhor possibilidade desde que começamos a enfrentar esses desafios pandêmicos. As desigualdades se apresentavam mais visíveis que nunca e, como sempre fez, continuava negando direitos e oportunidades.

Foi a partir da experiência desenvolvida através do Google Meet que, por alguns momentos, superei a angústia gerada pelo que denominei “uma ausência do sentido”, sentimento que me tomou durante o período inicial da pandemia, na total ausência do

alunado. Digo isto, pois foi a partir daqui que as possibilidades se multiplicaram. Não é sobre a inexistência de desafios, pois ainda estávamos experienciando uma pandemia que, por muitas negligências, ainda castigava e negava acessos, inclusive à vida. Sem a estrutura da escola tradicional, minha realidade era: uma cadeira, uma mesa, um computador com acesso a rede e muitas possibilidades.

A internet, principalmente a partir desse momento pandêmico, em minha ação como professor de História foi encarada com uma potência. Me deparei com um montante de mídias visuais disponíveis em plataforma seguras como a do Google arts e culture³ e com inúmeros conteúdos já produzidos e divulgados por colegas de profissão que me possibilitaram uma aula mais atraente e imagética. O tempo e o espaço foram retorcidos com a tomada da internet como instrumento pedagógico efetivo. Nesse sentido Barzotto e Carneiro (2021) afirmam:

[...] Neste exercício imaginativo, estudantes incorporam uma certa narrativa (ou algumas narrativas) sobre o passado – e, em seguida, ressignificam essa mesma narrativa. “Brincar” com o tempo em uma aula de História tem a potência de alterar significativamente o que Reinhart Koselleck (2013) talvez chamasse de

² É um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google

³ Anteriormente chamado de Google Art Project, é um site mantido pelo Google em colaboração com museus

espalhados por diversos países. Utilizando a tecnologia de Street View, o site oferece muitas visitas virtuais a muitas galerias de arte mundo afora.

espaço de experiência de um indivíduo, fazendo-o (re)pensar seu horizonte de expectativa [...] (CARNEIRO; BARZOTTO, 2021).

O ampliar do horizonte de expectativa dos estudantes, por sua vez, pode enriquecer suas vivências, olhares e experiências enquanto sujeitos, individuais e coletivos. Em sua concretude, poucos, ou nenhum estudante matriculado na escola⁴ pública de ensino fundamental que atuo, pode ir até ao Museu do Louvre, pelo menos não fisicamente, mas as possibilidades com o acesso à rede são outras.

Ao estudarmos sobre a Revolução Francesa, tive uma experiência, com os estudantes do 8º ano, muito interessante, visitamos, virtualmente, o Palácio de Versalhes. O acesso se deu pelo site/plataforma do Google arts e culture, onde eu projetava minha tela para os estudantes em sala. Os mesmos, estavam livres para questionar ou tirar alguma dúvida durante a visita. A grande maioria das participações vieram com um tom de fascínio e admiração com tanto luxo e riqueza que as imagens projetavam. Logo, eles questionavam “ué, professor, se a França estava em crise, como pode um palácio tão luxuoso assim?” Dessa

forma é que as aulas de História devem ser feitas, ou seja, é a partir dos questionamentos (como? onde? Porquê?) que podemos construir problemáticas do presente e retornos ao “passado”. Como afirma Bloch: “temas do presente condicionam e delimitam o retorno, possível, ao passado”. Um aluno questionador, pode ser, quem sabe, um sujeito pesquisador.

As limitações outrora sentidas na estrutura oferecida pela escola em seus moldes tradicionais como, por exemplo, a falta de mapas disponíveis na escola, a ausência de um retroprojetor ou a impossibilidade de usar a copiadora, dá lugar, na aula remota, ao mundo de possibilidades que a internet disponibiliza. Ao projetar minha tela, com apenas um clique, os estudantes recebiam, de onde estivessem acessando a rede, as informações enviadas. O mapa era apresentado e poderíamos maximizá-lo ou minimizá-lo sempre que se fizesse necessário.

Os acessos às possibilidades que surgem a partir do período de aulas remotas não precisam, nem devem se limitar a ele. Foi aprendizado e deve ser cumulativo. São novas possibilidades metodológicas para o ensino de História, sejam estas aplicadas aos moldes da LDB⁵ que encara o “ensino à distância utilizado como complementação da

da educação brasileira com base nos princípios constitucionais e próprios.

⁴ Escola de Ensino Fundamental Coronel Murilo Serpa.

⁵ A Lei de Diretrizes e Bases da Educação ou Lei nº 9.394/96 define e regulariza a estrutura organizacional

aprendizagem ou em situações emergenciais”, ou no tradicional ensino presencial. As TIC’S chegaram para ficar.

É no lugar dos desafios, mas também das possibilidades que quase sempre nos encontramos enquanto profissionais da educação. A sociedade muda, a mentalidade muda, os sujeitos mudam e a escola, por sua vez, deve se repensar em suas práticas e orientações. Como afirma, Barzotto e Carneiro (2021) a ideia central da educação nas aulas de História não precisa ser de um retorno da *história magistra vitae*, mas de uma aula de História que proponha o autorreconhecimento de se perceber, ser e estar no mundo de uma forma crítica e reflexiva à luz dos acontecimentos passados. É perceber-se sujeito ativo e agente de transformação social consciente. O mundo virtual, conectado às redes, já é realidade no cotidiano dos estudantes. Já na escola, temos muito a caminhar e essa caminhada pode ser de muito aprendizado.

2. ENTRE MÚMIAS E AMULETOS – REFLEXÕES SOBRE A UTILIZAÇÃO DO MUSEU VIRTUAL CCBB COM ALUNOS DO 6º ANO

Em 2020, com o fechamento das escolas e paralisação das aulas presenciais no

mês de março por conta da pandemia do novo coronavírus (2019-nCov), vivemos por muito tempo com um sentimento de insegurança, imprevisibilidade e medo.

Durante o primeiro ano de pandemia, as redes municipais, escolas e sociedade em geral tiveram que se reorganizar, adotando novas estratégias para atingir os alunos e quebrar as barreiras da distância física. Permeado de erros e tentativas, as experiências adquiridas no ano 2020, quanto às formações para professores da rede, organização dos grupos virtuais das turmas para o contato direto com as famílias, adequações com material impresso para alunos sem acesso virtual, permitiram que no ano subsequente tivéssemos um cenário um pouco mais favorável, mesmo com todas as limitações enfrentadas.

Em 2021, com uma rede de alunos e grupos mais estruturados, iniciamos a tentativa de mesclar as práticas adotadas no ano de 2020, que oferecia aos alunos roteiros de estudos elaborados por professores da área através de grupos de Whatsapp, onde o professor da turma realizava as devidas orientações para a realização dos roteiros de estudos através deste aplicativo, com o ensino através de aulas ministradas ao vivo ou gravadas, através do Google Meet.

É imprescindível destacar que, apesar de trabalharmos em rede, não podemos afirmar que estas metodologias foram adotadas

por todos os profissionais da área e nem que todos os alunos que os professores fizeram uso dessas metodologias tiveram acesso de qualidade a esses mecanismos com toda a potencialidade que poderiam oferecer. Uma vez que, como já mencionamos, há vários problemas que circundam a adoção desses mecanismos.

Em um cenário mais favorável, obtive uma experiência com o uso do museu virtual CCBB, com a exposição: Egito antigo - do cotidiano à eternidade com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II. Antes que conduzisse a visita com os mesmos, trabalhamos em semanas anteriores o assunto sobre Egito Antigo, conteúdo previsto na BNCC⁶ para a turma em questão, através das aulas síncronas e auxílio do livro didático. Combinei antecipadamente com os mesmos a data da visita virtual ao museu que foi transmitida através do Google Meet e guiada por mim, uma vez que transmitia, através do meu computador. Durante a visita, os alunos foram liberados para ligar seus microfones, quando necessário, para tirarem dúvidas ou conduzirem o caminho da visita.

Desde o início da visita pude perceber o encanto dos alunos para com o museu e o interesse dos mesmos em visitar cada espaço disponível. Vários alunos ligaram seus microfones pedindo que aproximassem de determinados objetos e por vezes pedindo

que retornasse para alguns para escutarem novamente a descrição do guia do museu.

Por vezes, se fazia necessário retornarmos em alguns objetos, uma vez que, por conta da qualidade da internet que os alunos dispunham, a transmissão acabava falhando e alguns não conseguiam escutar o guia do museu. Assim, percebendo este problema, solicitei que os mesmos utilizassem a aba de mensagem do google meet para relatar estes problemas e acabava repetindo para que eles não perdessem o trecho.

Durante a visita eu intervia sempre que necessário, articulando o que foi estudado nas aulas anteriores com o conteúdo da exposição. Várias vezes, os alunos pediram para participar, complementando o que havia falado ou até levantando outros questionamentos. Os mesmos se mostraram bem impressionados com a prática de mumificação, principalmente sobre a mumificação de animais, pois nas aulas anteriores e no livro didático dos mesmos este ponto não havia sido trabalhado.

Ainda sobre as mumificações, um aluno relacionou essa prática com os métodos funerários atuais, tecendo comentários sobre velório e quanto tempo um corpo levava para se decompor. Os alunos participaram relatando suas experiências e até visitas ao cemitério, comparando a estrutura dos túmulos etc.

⁶ Base Nacional Comum Curricular.

Através desta experiência teço algumas considerações sobre o uso dos museus virtuais, não apenas para o ensino remoto, mas como possibilidade metodológica para o ensino presencial.

Um ponto a se destacar sobre a experiência é que através do advento tecnológico, os alunos puderam ter acesso ao museu, já que no cotidiano escolar presencial, as visitas a esses espaços se tornam cada vez mais dispendiosas pois requer recursos financeiros que muitas vezes a escola ou os próprios alunos não dispõe. Na pandemia, devido ao distanciamento social, essas visitas presenciais ficaram inviáveis, se fazendo necessário o uso deste mecanismo.

Nas aulas presenciais também se pode fazer uso dos museus virtuais, uma vez que muitas das exposições têm períodos determinados de duração e por conta da distância física entre a escola e alguns museus temáticos, uma visita presencial seria impensável.

Apesar dos apontamentos acima, o professor ao utilizar esta metodologia deve ter consciência que, no ambiente virtual, encontramos uma representação do museu físico, organizado de forma específica, levando o visitante há uma experiência guiada, destacando partes e peças do museu formuladas através de uma ótica específica, que apesar de estabelecer limites nesta experiência sensorial de quem o visita, pode proporcionar

formas diversas de interatividade e acesso ao patrimônio público, promovendo uma democratização neste acesso. Mas, devemos destacar que a visita ao museu virtual, segue uma lógica diferente, atendendo a outros objetivos, do que a visita presencial.

Apesar da escolha dessa possibilidade pedagógica tecnológica, é importante enfatizar que o objetivo não é sobrepor o museu virtual em detrimento do museu físico ou o contrário, ambos se apresentam de maneira distinta “ambas com possibilidades, limitações, complementaridades em uma sociedade cuja tônica envolve uma dinâmica transmídia, de passagens contornos interlocuções de conteúdos semelhantes ou idênticos em mídias distintas” como afirma Dumbra (2013).

Assim, partindo destes pressupostos, reiteramos a importância das visitas presenciais como metodologia para o ensino de História (quando possível), levando o aluno há análises sobre o espaço, os objetos contidos no museu, a experiência da visita, o trajeto e tantas outras possibilidades que uma visita presencial pode proporcionar aos alunos. Pois, o museu presencial proporciona uma experiência diferente da visita virtual.

Porém, diante dos entraves encontrados nas escolas públicas para promover visitas presenciais, o museu virtual se apresenta como possibilidade de expandir e promover o acesso destes alunos a novos espaços.

Com a difusão das novas tecnologias e novas as novas relações tecidas da sociedade para com elas, o espaço escolar também se modifica, uma vez que, os alunos absorvem essas mudanças demandando do professor novas estratégias de ensino-aprendizagem para atingir resultados significativos.

Sobre o museu virtual como possibilidade metodológica no ensino de História, Arruda (2011) diz que, a partir do desenvolvimento tecnológico e o uso de novas formas comunicacionais, acabam se modificando as relações do homem com o tempo e, paradoxalmente, com o tempo histórico, modificando também as formas como se aprende História. Isso ocorre pelo grande número de trocas culturais disseminadas pelo rompimento de barreiras temporais e espaciais por meio da *web*.

Além da nova forma de visão do tempo, o aluno cria uma nova visão de espaço do museu através da usabilidade do mesmo por meio do aparato digital, como afirma Arruda (2011):

No caso do museu virtual, ao se visitá-lo, seja por meio da internet ou do CDROM, apreende-se uma nova visão de espaço museológico, na qual as ações, as escolhas e, em certos casos, o *layout* do espaço “virtualizado” é comandado pela escolha do visitante, de acordo com suas necessidades. Acreditamos que isso ocorre porque a parte física do computador (hardware), seus

mecanismos de entrada de dados (teclado, microfone, mouse etc.) demandam do usuário a ação, a tomada de decisão. Ou seja, um software de Museu Virtual, caso seja limitado quanto às possibilidades de ação do sujeito em seu ambiente digital, corre risco significativo de tornar-se pouco interessante para aquele que o utiliza. (ARRUDA, 2011 P.5)

O museu virtual como possibilidade metodológica para o ensino de História, é um campo que permite possibilidades e análises para sua efetivação. Apesar de estar correlacionado com as tecnologias da informação, sua usabilidade em salas de aulas e pesquisas sobre sua aplicabilidade e resultados obtidos ainda são escassos. Reiterando assim, a importância de estudos na área para ampliar as análises e discussões sobre a utilização deste, promovendo práticas didáticas que sejam efetivamente aplicadas *in loco*, uma vez que pesquisas com esse enfoque ainda são raras.

CONCLUSÃO

O contexto pandêmico gerou desnorte, mas o processo de reflexão-ação-reflexão reorientou a prática docente de muitos profissionais da educação brasileira. O ano de 2020, sem dúvidas, foi um desafio ímpar, situação nunca experienciada por muitos educadores. Éramos, quase todos, marinheiros

de primeira viagem. Mas, apesar do desconhecimento sobre o que estava por vir, foi na prática reflexiva que os profissionais da educação reconfiguraram sua atuação. Tal prática, por sua vez, nem sempre se deu de forma individual e isolada, mas coletiva e compartilhada. Se constrói, em certa medida, o que podemos chamar de uma “rede solidária” entre os profissionais da educação e esta seria de grande importância para que o processo acontecesse.

Foi a partir do compromisso coletivo e o apego à missão de construir uma educação pública de qualidade, que signifique a vida dos nossos estudantes e amplie os horizontes de expectativas dos mesmos, que nossa prática produziu forças para seguir. O isolamento não foi suficiente para gerar um desnorte coletivo, encontrávamos força, muitas vezes, nas experiências e na coragem do outro, dos nossos pares. Não foi fácil vivenciar esse momento e os desafios eram notáveis. Porém, nem tudo foi, como colocado na escrita deste trabalho, absoluto desnorte e angústia. As descobertas surgiram, assim como novos olhares, formas e possibilidades metodológicas que vieram para ficar, não apenas como possibilidade para a educação remota, mas também para a presencial.

As aulas de História, presenciais ou remotas, possuem uma finalidade que não se

pode abrir mão, a de construir uma educação pública que promova liberdade, consciência e que persiga a escrita de Mauro Iasi quando o mesmo afirma a necessidade de “parir futuros, partilhar amanheceres, há tanto tempo esquecidos”. É sobre criar narrativas com possibilidades concretas de romper as impossibilidades impostas, gerar futuros que possamos partilhar e jamais esquecer que os desafios podem e devem ser encarados com as mãos dadas, coletivamente. A esperança, aqui, pode ser marcada como uma possibilidade em meio aos desafios.

O compartilhamento das experiências profissionais entre os pares nos impulsiona a lugares onde a sensibilidade coletiva se faz presente e assume o compromisso com a questão social. Muito do que a gente aprendeu foi observando outros profissionais e a partir da observação nos colocamos como construtores da nossa própria prática docente. Sites como o do Café História, que divulga experiências já aplicadas com êxito no chão da sala de aula, é uma rica fonte de compartilhamento de vivências/experiências educacionais que aliam o “rigor científico a conteúdos lúdicos e acessíveis”, como afirma o próprio Bruno Leal⁷. Os relatos aqui presentes, por sua vez, se propõe, antes de qualquer outra demanda, compartilhar experiências e inspirar nossos companheiros de profissão.

⁷ Fundador e editor-chefe do Café História. Professor adjunto de História Contemporânea do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB) e do

Programa de Pós-Graduação em História desta mesma universidade.

Contribuir para uma, ainda em marcha, reflexão crítica e consciente sobre as possibilidades metodológicas que se apresentam em meio aos desafios colocados ao ensino de História durante o contexto pandêmico foi ponto central deste artigo. Como toda experiência desafiadora, o ensino remoto nos levou ao lugar do temor, mas também da reflexão. Se revisitar, fora da zona de conforto, e repensar nossa atuação é buscar, como afirma Krenak (2020), que nossa prática nos dê coragem para, em momentos desafiadores, sair da atitude de negação, para o compromisso, superando nossos limites e incapacidade de estender a visão a lugares e situações para além daqueles em que estamos acostumados.

A manipulação das novas tecnologias educacionais em sala de aula não foi desafio e possibilidade, assume assim um duplo sentido. O esforço coletivo realizado por professores, secretarias municipais e estaduais resultou na reconfiguração da atuação escolar. Porém, tal reconfiguração não se deu de forma tranquila, muitos problemas como, por exemplo, o insuficiente letramento digital de grande parte dos docentes e famílias se mostrou um entrave a ser superado. Entretanto, em meio a desafios há possibilidades. A gente se depara, na ação docente, com o “mundo” de possibilidades que a internet nos disponibiliza. A experiências com os museus virtuais foram potentes e instigantes. Tomar tais experiências como

possibilidade metodológica para o ensino de História, é ampliar os horizontes, romper “casas” e lançar nossa visão a lugares que não estamos habituados.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Eucídio Pimenta. **Museu Virtual, Prática Docente e Ensino de História: apropriações dos professores e potencialidades de elaboração de um museu virtual orientado ao visitante.** In: Anais do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História. Florianópolis: UFSC, 2011.

BARZOTTO, C.; CARNEIRO, A. N. (Ainda) É possível sonhar na aula de História? História da ditadura, 2021. Disponível: <https://www.historiadaditadura.com.br/post/ainda-%C3%A9-poss%C3%ADvel-sonhar-na-aula-de-hist%C3%B3ria>> Acesso em: 22 de julho de 2022.

BLOCH, Marc. **Apologia da História: ou Ofício do Historiador.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

DUMBRA, Camila Nataly Pinho. **Museu virtual interativo: perspectivas e possibilidades de apropriação por professores em suas práticas pedagógicas com crianças.** 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

ROJO, Roxane. **Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola.** In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-31.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007

KOSELLECK, Reinhart *et al.* **O conceito de História.** Tradução René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.